

## HERÉTICOS E CISMÁTICOS (TEOLOGIA E POLÍTICA)

Fernando Whitaker da CUNHA

*“Crê, ainda que, crendo,  
estejas enganado”*

*Amado Nervo*

O Código Canônico (Can. 751) chama de heresia a negação pertinaz, após a recepção do batismo, de qualquer verdade que se deva crer com fé divina e católica ou dúvida pertinaz a respeito dela; apostasia, o repúdio total da fé cristã; cisma, a recusa de sujeição ao Sumo Pontífice ou de comunhão com os membros da Igreja a ele sujeitos, estabelecendo no Canon 1364 as penas canônicas, das quais a mais grave é a excomunhão “*latal sententiae*”.

A heresia é, pois, uma posição doutrinária oposta ao estabelecido dogmaticamente pela Igreja em matéria de fé.

Cioram (**História e Utopia**, p. 115) observa que “as ideologias são o produto das visões messiânicas ou utópicas, e algo assim como sua expressão vulgar” e Freud (**Los Actos Obsesivos y las Praticas Religiosas**) aponta a “analogia entre os chamados atos obsessivos dos neuróticos e as práticas devotas com que o crente atesta sua piedade”.

Em seu estilo retórico, Gustavo Le Bon sustenta, discutivelmente, que “a razão cria a ciência, os sentimentos e as crenças conduzem a história” (**La Psychologie Politique**).

De qualquer modo, é inegável a influência das idéias religiosas no processo histórico, pelas conseqüências que acarretam, mesmo porque

a religião se apresenta como um sistema organizado de crenças, ritos, ações e celebrações embasado em poder sobrenatural, tornando-se a raiz da teoria política, por suas relações com a organização social e as estruturas de poder.

Embora as heresias se façam notar, principalmente, após o Edito de Milão (313), decretado pelo Imperador Constantino, estabelecendo a liberdade religiosa e precedido pelo edito do Imperador Galero, que reconheceu aos cristãos a liberdade de reunião, elas principiaram logo após o advento do cristianismo (o historiador George Suffert menciona uma espécie de “Concílio de Jerusalém que dispensou a circuncisão, provocando o primeiro cisma”), ele mesmo, à revelia de Cristo, uma heresia do judaísmo, que se consolidou como outras, (também Maomé não pretendeu criar uma nova crença, mas trazer para as árabes o monoteísmo judaico-cristão, conforme a mensagem que recebeu do Arcanjo Gabriel).

Entre os judeus, seitas como a dos caraitas, ainda existente, que se prendiam ao texto bíblico, rejeitando as interpretações arbitrárias dos rabinos, e a anterior dos saduceus, ensejada por Sadoc, que também se atinha à letra da lei, não aceitando explicações dela e rechaçando as tradições, a crença nos anjos, a imortalidade da alma, a ressurreição e a providência, beiravam à heresia. Os fariseus, surgidos em 180 a.C., também rigidamente, prendiam-se à literalidade do texto, com ostentação, mas acreditavam na Providência, na imortalidade da alma, nas penas eternas e na ressurreição, perseguindo os inovadores.

Menos profunda é a divergência entre as seitas islamitas, pois, enquanto os sunitas (de sunnah, tradição) que se dividem em quatro ritos (regras ou cerimônias que se devem observar no culto), reconhecem, como sucessores de Maomé, os califas Abubekr, Omar e Othman, os xiitas, fragmentados em várias seitas, só aceitam a autoridade de Ali, o 4º califa, e dos descendentes do profeta (imans, chefes por excelência). O nome xiita (hereje) foi dado pelos sunitas, que se consideram ortodoxos, mas os xiitas se denominam adeliés (partidários da justiça).

Apesar de Chin Kung (**A Path to True Happiness**, p. 15) entender que o budismo não é religião, mas educação, o certo é que ele transmite um sentimento religioso que se reveste de formas diversas, como se verifica pelo exame dos países em que é adotado, tendo sido ele mesmo, a grosso modo, uma heresia do bramanismo, cuja evolução milenar, como o vedismo, resultaria no hinduísmo.

A primeira heresia, surgida no primeiro século, ao que parece, foi a dos gnósticos, que recorriam à filosofia grega e aos cultos orientais, num indisfarçável ecletismo. Os seguidores da gnose acreditavam num dualismo: um Deus eterno, que irradia a perfeição e a Matéria eterna, que transmite o mal, havendo entre ambos seres imateriais.

Cristo teria, apenas, a aparência e não a realidade corporal (docetismo).

A heresia, que foi combatida por Clemente e Orígenes, desenvolveu-se com os nicolaitas (dizia-se que o bispo Nicolas, de extrema pureza, realizava milagres) e, posteriormente, vinculou-se ao maniqueísmo, proveniente da Pérsia, e ao montanismo, procedente da Frígia, cujas denominações derivam de seus fundadores Manes, ou Mani, e Monton. O primeiro, partia do básico dualismo e o segundo, acreditava na reencarnação do Espírito Santo e em férrea rigidez ética.

A decorrência das primeiras heresias foi o surgimento da apologética ou textos cristãos de defesa, na qual muitos teólogos se destacaram, robustecendo a fé.

Os coptas, cristãos do Egito, não são hereges, mas sua crença apresenta peculiaridades, mesclando símbolos cristãos e ritos egípcios. O evangelista São Marcos, companheiro de São Pedro, que pregou em vários lugares, fundou a igreja de Alexandria, onde seria executado, acreditando os venezianos que possuem o seu corpo desde 815. Há diversos mosteiros coptas e no Cairo pode-se ver igrejas suas. Utilizam uma língua essencialmente litúrgica, composta de 24 letras do alfabeto grego e 6 consoantes extraídas do demótico em vigor. Notou uma jornalista francesa que o Egito “se reconhecia mais nessa religião chegada do Oriente Próximo que nos rituais impostos pelo imperador romano”.

A palavra heresia vem do grego *haireses* que significa “escolha” (Santo Agostinho entendia que o vocábulo religião vem de *reeligere*, escolher de novo, por escolhermos Deus, após tê-lo perdido). Escolhe-se “acompanhar determinado dogma ou não” comenta José Luis del Rio (*Igreja Medieval*, p. 68).

Em que pese não se aplicar à hipótese, vale relembrar a distinção entre *praeceptum e consilium* feita por Santo Tomás: “haec est differentia inter consilium et praeceptum, quod praeceptum important necessitatem, consilium autem in optione ponetur eis cui datur”.

Apesar de na época não se falar em direitos individuais, cuja sistematização adviria de uma colaboração anglo-franco-americana, culminando na Declaração Universal dos Direitos do Homem, dúvida não há de que a construção herética foi manifestação da liberdade de pensamento, de religião e de consciência, merecendo, por isso, o respeito dos historiadores, cuja missão não é julgar, mas compreender e explicar os acontecimentos.

Croce enfatizava que “a História não deve ser justiceira, mas justificadora” e Norberto Bobbio (**O Positivismo Jurídico**, p. 136) que o historiador deve esforçar-se “em ser objetivo, em reconstruir os fatos, despojando-se de suas paixões e de suas preferências políticas e ideológicas”.

“C’est la discipline penitentielle à observer à l’égard des chrétiens tombés (*lapsi*) dans l’apostasie pendant les persécutions qui suscita les premiers schismes”, ensinam David e Lorette, em sua magnífica **Histoire de L’Église**, p. 25, rica em informações.

O Pe. Novat, desobedecendo São Cipriano de Cartago, acolhia os apóstatas na reunião dos crentes se portassem mensagens de paz fornecidas pelos confessores da fé, mas Novatien considerava-os réprobos não os aceitando na comunidade cristã, alegando que não se podia absolver quem havia sacrificado aos deuses. Acredita-se que ele foi o primeiro antipapa, por não ter aceito a eleição de São Cornélio, tendo sido reconhecido bispo de Roma por três antístites, eleição rejeitada por São Cipriano e dois concílios (Cartago e Antioquia).

Sua orientação intolerante atraiu apaixonados seguidores que, conhecidos como cátaros (“puros”), atuaram fanaticamente até o século VIII, ressuscitando com os albígenses (de Albi, uma das cidades por eles ocupadas), impregnados de idéias maniqueístas e respaldados pelo Conde de Toulouse e o Visconde de Béziers. O Papa Alexandre III excomungou-os e Inocêncio III moveu-lhes uma cruzada comandada por Pierre de Castelnau e da qual fazia parte o famoso Simon de Montfort.

Foram exterminados 60.000 heréticos em Béziers (1209), vindo Carcassonne a cair pouco depois. Com a Segunda cruzada contra eles, capitaneada por Luiz VIII, que tomou Avignon, os albigenses, rigorosos ascetas que se dividiam em auditores crentes e eleitos, foram quase que

totalmente aniquilados, sobrevivendo alguns, como os valdenses. Montsegur, o último baluarte, foi conquistada em 1244.

A cruzada ocidental contra os albigenses motivou a criação das ordens mendicantes (franciscanos e dominicanos) que, ao contrário das anteriores, não se refugiavam nos mosteiros, acomodadas, buscando contato social, vindo a atuar na Inquisição.

São Francisco instituiu a sua irmandade, em 1208, com os votos de pobreza, objetivando a pregação. Futuramente, a confraria teria Duns Scot, hábil discursor, como expoente do qual foi notável adversário o dominicano Santo Tomás. O debate entre ambos empolgou a Filosofia Escolástica. Além de admitir o realismo (apenas os universais são reais), Scot sustentava uma sutil “liberdade de indiferença”. Mateo de Baschi, em 1525, quis reformar a ordem, estabelecendo os capuchinhos.

São Domingos fundou a sua congregação em 1215, tendo como objetivo pregar e converter os heréticos. Ele o fazia pela persuasão e os bons exemplos. Santo Tomás, *definitor* (professor-assessor) da ordem, foi sua grande estrela, perfilhando o idealismo e, entre outras coisas, a conciliação da liberdade humana e o poder divino e da existência do mal com a bondade de Deus.

Reformulações ocorreram, igualmente, para preservar as regras da disciplina, ameaçadas pela negligência, e as universidades ensejaram maiores trabalhos teológicos.

Os valdenses, “Pauvres de Lyon”, retiraram seu nome de Pedro Valdo, comerciante naquela cidade, que tendo se tornado muito rico, abandonou o mundo, vendeu seus bens, dando o dinheiro aos pobres. Acompanhado por alguns discípulos, começou, por volta de 1170, a explicar a Bíblia, que fez traduzir, pretendendo que qualquer fiel, inclusive a mulher, podia exercer funções religiosas, pregando as Escrituras, contrariando a diretiva da Igreja, para a qual só os sacerdotes podiam fazê-lo ou autorizar tal conduta.

Os valdenses, que pregavam a pureza, criticavam o clero, almejando regenerar os costumes e restaurar a simplicidade da igreja primitiva.

Esmagados militarmente em Cabrières e Merindol, os valdenses que restaram se refugiaram na Suíça e na Itália, onde sobrevivem, bem

como no Uruguai e na Argentina. Alguns foram reincorporados na Igreja, por Inocêncio III, outros se tornaram discípulos de Huss e, posteriormente, de Calvino. Observe-se que alguns posicionamentos dos valdenses encontrariam eco em São Francisco e, ao depois, em Lutero.

Todo herético é um sectário, mas esse não se confunde com aquele, pois a seita se funda num corpo doutrinário que discrepa da opinião majoritária, setorizando-a por uma reflexão hermenêutica, enquanto a heresia é uma tomada de posição contrária à ortodoxia religiosa.

Os *amish*, por exemplo, que subsistem, principalmente, nos Estados Unidos, defendendo a rigidez moral e hábitos simples que procuram ignorar os progressos da civilização é uma seita dos menonistas, que existem, igualmente, na Holanda, na França, na Alemanha e na Inglaterra, mas não uma heresia.

O menonismo constitui uma variante dos anabatistas e foi fundado por Menon (1496-1561), inicialmente padre católico.

A perseguição de Carlos V não diminuiu o número de seus prosélitos, tendo levado ele uma vida inquieta e errada.

Os anabatistas (rebatizadores) não aprovavam o batismo de crianças, rebatizando-as mais tarde, ou, conferiam o sacramento, o único que aceitavam, apenas aos adultos (batistas). Daí o nome de “sacramentários”. Eram contra o clero e liderados por Stork, seguidor e após adversário de Lutero. Obtiveram a adesão de Thomas Munzer, um visionário que passou a chefia-los, chegando a contar com 30.000 fanáticos, travando batalhas sangrentas e ocupando várias cidades. Ele se julgava o novo Gedeão, que visava restaurar o reino de Cristo pela espada.

Combatido pelos príncipes confederados, por se opor à nobreza, aos dízimos e pleitear a partilha de bens comunais, foi vencido, preso e condenado à morte (1525). Queria notabilizar-se como reformador.

Outro conhecido chefe anabatista foi Jean de Leyde, anteriormente hoteleiro em Leyde. Uniu-se aos radicais em Munster, expulsando o bispo Waldeck, fazendo-se proclamar rei, implantou a poligamia e praticou excessos condenáveis. Caindo nas mãos de Waldeck, que retomou a cidade, foi supliciado, não perdendo a coragem (1535).

Há diferentes causas das heresias e de seu incremento, nas quais se detectam fatores teológico-políticos. Algumas já foram indicadas e outras foram as cruzadas, destinadas a conquistar o Santo Sepulcro, pletóricas em atos censuráveis (carnificinas entre eles), por alguns de seus objetivos econômicos subalternos, movendo-se num clima entre “la brutalité et la piété”.

Uma de suas conseqüências no plano religioso foi “uma crescente oposição ao clericalismo”, como registra Hilário Franco Junior (**As Cruzadas**, p. 70) e, em decorrência, o estímulo do pensamento herético, mas, também, favoreceram a criação das ordens de cavaleiros (outros efeitos, segundo L. David e P. Lorette, foram contactos comerciais, o estancamento das invasões muçulmanas, já, então, lideradas pelos turcos, o adiamento da queda de Constantinopla).

Algumas heresias anteriores merecem atenção:

Arius, natural da Cirenaica ou de Alexandria (século III), ordenado em idade proecta, começou a pregar na cidade egípcia doutrina que se expandiu rapidamente, combatendo a Santíssima Trindade, negando a consubstancialidade do Verbo com o Pai e, conseqüentemente, a divindade daquele e sustentando que Jesus era uma simples criatura, muito inferior ao Pai.

A tese foi combatida, veementemente, pelos bispos Santo Alexandre e Santo Atanásio e condenada, precipuamente, pelo Concílio de Nicéia, que formulou o Credo. O Concílio de Constantinopla estabeleceria a igualdade do Espírito Santo com o Pai e o Filho.

Anatematizado e exilado por diversos anos, Arius, prestigiosos seguidores seus, como o bispo Eusébio, conseguiram absolvê-lo e trazê-lo de volta para Alexandria, onde causou distúrbios, retirando-se para Constantinopla, onde se tornou patriarca e morreu, com violentas cólicas, ao entrar na igreja, supondo-se que tenha sido envenenado, o que é provável, dada a ressonância de sua pregação.

Sua morte foi vista como uma punição divina, por seus adversários e após ela seus ensinamentos progrediram, recebendo a proteção do imperador Constâncio e conquistando grande número de adeptos.

Sufocados esses pelo imperador Teodósio foram as teses abraçadas pelos povos bárbaros e, após a Reforma, pelos socianistas. Os

dois Socin, tio e sobrinho, juristas e teólogos negaram a Trindade Santíssima, a divindade de Cristo, o pecado original, a predestinação e a graça, restando seguidores seus, ainda, nos Estados Unidos.

O socianismo, que é seita protestante, tornou-se a mais extremada forma de unitarismo que admite em Deus uma só pessoa e que teve em Rakov, na Polônia, o seu núcleo.

Enquanto os monofisitas, capitaneados por Sergius, apenas reconheciam a natureza divina em Cristo, na esteira do arquiandrita Eutiques, que sustentava ter a natureza divina de Jesus absorvido a natureza humana, “comme une goutte d’eau par la mer” (**Dictionnaire Universel d’Histoire et de Geographie**), chegando a constituir igreja (jacobitas, de Jacob Zanzale, bispo de Edessa, coptas e arminianos, do teólogo protestante Arminius), os monotelistas, que nelas se apoiavam, entendiam que só havia uma vontade em Cristo, não distinguindo, conseqüentemente, Nele, as duas vontades humana e divina. O Papa Honório foi condenado como herege, como adepto dessa heresia.

Arminius, teólogo e professor, havia combatido os supralapsários, calvinistas que, ao contrário dos infralapsários, faziam remontar a predestinação além da queda de Adão, necessária para que Deus manifestasse, em face do homem, sua misericórdia e sua justiça. Combatia o doutrinador os conceitos calvinista e católico de predestinação e almejou reunir todas as comunhões cristãs (os arminianos são conhecidos, também, por *remonstrants* pelas censuras que dirigiram, em 1610, aos Estados da Holanda).

Está-se, pois, em face de inquietantes questões teológicas (a Santíssima Trindade, cuja origem é indo-egípcia, a natureza de Cristo, a autoridade do Papa, os desníveis da disciplina eclesiástica), que discutem as raízes do sentimento religioso e a existência, que nos parece indiscutível, ou não, do livre arbítrio. As controvérsias provocaram um revigoramento da atividade doutrinária.

Cerpitt, teórico da religião, manifesta-se que mesmo desistindo da idéia da existência de Deus, devemos acreditar Nele, e isso é mais significativo se aceitarmos a origem sociológica das religiões, na qual o homem cria um contrato com Deus, e se compreendermos por que santos que não existiram são cultuados.

Em seu romance “**O Corpo**”, transformado em filme, Richard Ben Sapir imagina terem sido encontrados os restos mortais de Jesus e quais seriam as conseqüências disso. O seu exemplo que O tornou o primeiro dentre os homens, divinizando-O é idéia-força mítica acima dos dogmas e há que se admitir que o cristianismo poderia até robustecer-se se a ficção se tornasse real.

A idéia do sagrado é inapartável da condição humana necessitada de uma ordem social (as normas religiosas funcionando como regras constitucionais) e, primordialmente, de proteção diante do mistério que o circunda, como os anjos o exemplificam, assumindo formas diversas.

Em seu interessante livro **Os Anjos na Vida dos Santos** (p. 5), Plínio Maria escreve: “Há casos até, em que assumem o aspecto de um animal, como o misterioso **Grigio**, enorme cão cinzento que servia de guarda-costa a São João Bosco”.

Nestorius, patriarca de Constantinopla, discípulo de Teodoro de Mopsueste, combateu as heresias de Arius e dos novatianos, mas, como Eutiques que o contestou, incidiu em outra, negando a união hipostática do Verbo com a natureza humana, distinguindo em Jesus duas pessoas como duas naturezas. Recusava, pois, à Maria, a caráter de mãe de Deus. Concílios condenaram-no e ele foi deposto, indo morrer em um oásis da Líbia, de uma doença misteriosa (439).

O nestorianismo sobreviveu no Irã e na Índia, onde seus fiéis tomaram o nome de Cristãos de Santo Tomás, o que constituiu um cisma, separação do corpo e da comunhão de um sistema religioso, porque pretendiam ter recebido o evangelho por intermédio de Santo Tomás. Eles reconhecem três sacramentos: o batismo, a eucaristia e a ordem que confere o poder de exercer funções eclesiásticas, e toleram o casamento de padres. Em sua grande parte, reuniram-se à Igreja romana rematando curioso enredo histórico, pois uma heresia, que sofreu uma divisão, terminou integrando-se na ortodoxia.

Orígenes, doutor da Igreja, substituto de São Clemente, seu mestre, em Alexandria, que mutilou-se para resistir às tentações e foi torturado na perseguição do Imperador Décio, falecendo em 253, ensinou uma doutrina mística, herética, que o aproximava dos Gnósticos.

Ele acreditava na preexistência das almas numa região superior de onde vêm animar os corpos terrestres, o que demonstra um acento

platônico. As almas poderiam, durante a vida, purificar-se e se elevarem à felicidade suprema pela íntima comunicação com Deus. Os sufistas - prática mística persa-árabe - entendiam que o espírito humano, que emergiu do divino, tendia a se reintegrar nele.

Sustentava Orígenes, ainda, que Jesus era filho adotivo de Deus, que a alma do homem pecou mesmo antes de se unir ao corpo e que as penas do inferno não são eternas, podendo-se, portanto, orar pelas almas que nele se encontram. O concílio de Nicéia censurou seus erros.

No século V, o monge Pelágio, amigo de Santo Agostinho, sustentou sobre a liberdade e a graça pontos-de-vista contrários à fé, afirmando que o homem pode, por seu livre arbítrio, abster-se do pecado e negando a necessidade da graça, o pecado original e a danação das crianças mortas sem batismo. A pregação foi combatida por concílios e, particularmente, por Santo Agostinho, que, de início, foi sensível a ela.

“La profesión de astrologo y las praticas de ascetismo y de magia dejaran vacias sus aspiraciones, al punto que rompió con el maniqueísmo y en 383 se convirtió en profesor de retorica”, registra E. Andrade Sánchez (Teoria General del Estado, p. 105).

Prisciliano ressuscitou na Espanha o gnosticismo e o maniqueísmo.

Note-se que os heresiarcas (e os que provocam cismas) são, em geral, homens de inteireza moral, ébrios de Deus, pensadores ansiosos de encontrar os caminhos da verdade, sem olvidar seus defeitos, próprios da condição humana, e motivações pessoais e alguns de seus ensinamentos continuam a merecer reflexão profunda.

Sob o nome de Donato, dois bispos cismáticos se fizeram notar. O primeiro se recusava em admitir à comunhão aqueles que, durante a perseguição de Deocleciano, haviam entregue os livros sagrados aos pagãos, vindo a depor Ceciliano, bispo de Cartago, indulgente para com eles; o segundo, condenado pelo Pontífice e pelo imperador, subleveu-se com seus partidários, praticando excessos contra os católicos e desencadeou uma guerra civil que assolou a África sob os reinos de Constantino e de seus sucessores até à invasão dos vândalos, que perseguiram, de maneira igual, donatistas e católicos.

O donatismo foi, também, veementemente, refutado por Santo Agostinho, terrível polemista.

Beranger, professor em Tours, não reconheceria a presença de Jesus na Eucaristia, o que faria com que os sacerdotes franceses elevassem a hóstia, após a consagração, o que se tornaria hábito desde o século VIII.

As controvérsias sobre as duas personalidades de Cristo e a Santíssima Trindade foram os grandes temas que agitaram durante séculos o pensamento teológico.

O cisma do Oriente, que causou o aparecimento da Igreja Ortodoxa, começou com o erudito patriarca Focius, em 867, culminando com Miguel Cerulário, no século XI, teve como fator principal a questão do “*Filioque*” (e do Filho), sobre o Espírito Santo, que viria do Pai e do Verbo, como de princípio único, mas, também, a rivalidade entre gregos e latinos, que provocou o nefando saque de Constantinopla (1206), em uma das cruzadas, e a emulação entre o Patriarca de Constantinopla e o Papa, que, na época de Focius, se anamatizaram reciprocamente como hereges. Isso explica porque os cristãos romanos tardaram muito em socorrer a grande cidade sitiada pelos islamitas.

O Patriarca não tem ingerência nas igrejas rumanas e búlgaras e, na Rússia, é incontestemente a autoridade do Santo Sínodo. Um casamento é permitido, mas os bispos são colhidos entre os celibatários.

Os ortodoxos não aceitam dogmas posteriores ao 2º Concílio de Nicéia, como o nome do Purgatório, a Imaculada Conceição e a infalibilidade papal. O batismo que usam é a imersão e a comunhão é tomada com a ingestão do pão embebido no vinho.

O cisma do Ocidente, como outros, teve motivações políticas.

Avignon, que fora sitiada e tomada na peregrinação, aos albigenses, foi herdada por Felipe, o Belo, de seu pai, que manobrou para que Clemente V, que se fizera coroar em Lyon, se fixasse naquela cidade (1309).

Durante sessenta e nove anos Avignon foi residência dos papas. Clemente VI adquiriu-a, em 1348, e, em 1377, Gregório XI devolveu a sede pontifícia à Roma.

Pouco tempo depois foi eleito Urbano VI, mas sua escolha foi impugnada por um grupo de cardeais que designou Clemente VII, o qual se estabeleceu em Avignon, dividindo-se a cristandade.

Santa Catarina de Siena apoiou Urbano VII, que resistiu a uma revolta popular, e São Vicente Ferrer tinha Clemente VII como legítimo sucessor de Pedro.

Com a morte de ambos os pontífices foram indicados, respectivamente, Bonifácio IX e Bento XIII, mas um concílio de Piza elegeu Alexandre V, ficando a Igreja com três papas. A unificação se deu no Concílio de Constança (1414-1418), com a proclamação de Martinho V, que entrou em Roma, mas o Concílio de Basiléia, que almejou submeter Eugênio IV à autoridade dos concílios, em razão da recusa dele que o dissolveu, nomeou um antipapa que não encontrou apoio político, consolidando-se a unidade da Igreja.

Em **O Papa e o Concílio**, extensamente prefaciado por Rui Barbosa, Janus se refere ao Pseudo-Isidoro, “monstruosa falsificação” e ao falso Cirilo, “apologia por excelência do sistema papal”.

No século XII, Arnaldo de Brescia, um monge, discípulo de Abelardo, insurgiu-se contra os abusos do clero e do papa, possuidores de muitos bens, pugnando para um retorno da Igreja à sua vocação espiritual. Aliciando grande número de partidários, o heresiarca jogou-os contra os eclesiásticos e derrubou os papas Lucio II e Eugenio III.

Reformador religioso e político, implantou ele a república e criou um senado, governando Roma durante 10 anos até ser expulso pelo papa Adriano IV.

O imperador Frederico Barbaruiva entregou-o ao prefeito de Roma e ele foi decapitado no Castelo Santo Ângelo, em 1155, e queimado.

Joaquim de Fiori entendia que a Trindade era o núcleo da religião e não o problema cristológico e que a Igreja deveria ser espiritual e não hierarquizada, influenciando no franciscanismo.

O Papa Celestino V respondeu às suas expectativas. “Recusou toda a pompa de coroação, compareceu à cerimônia montado em um jumento, negou-se a residir em Roma e, para melhor ser compreendido pelos mais humildes, resolveu que só falaria em italiano e não em latim”, narra **Del Rio** (op. cit. p. 78).

Guilherma de Boemia era considerada por sua seguidora Manfreda nova encarnação de Deus, que viera como uma mulher. Aliás,

o simpático Papa João Paulo I, que faleceu, surpreendentemente, após um mês de pontificado, dizia que Deus era pai e mãe.

A mais lúgubre resposta às heresias, por seus transbordamentos, foi a Inquisição, cujo nome vem do sistema inquisitório, que seguia, apesar de certos avanços processuais penais que possibilitou, tornando-se um dos marcos do Direito Judiciário, levando-se em consideração a época violenta em que atuou, que confundia crime e pecado.

A tortura, dentro de certas regras, era permitida e após confissão era proferida a sentença, aplicando-se as penas de prisão perpétua, confisco, multa e fogueira, de acordo com cada caso. Contudo, inimigos pessoais não podiam depor e as condenações tinham que se embasar em provas inequívocas.

“Il vaut mieux laisser un crime impuni que de condamner un innocent”, proclamou o Concílio de Béziers (1246), enunciando um princípio que tem raízes anteriores e que foi imortalizado por Berryer, no século XIX.

A Inquisição foi instituída como tribunal regular por Gregório IX, em 1231, para buscar e punir os hereges, os feiticeiros incluídos entre eles, se bem que os missionários enviados por Inocencio III para converter os albigenses (1204) já fossem inquisidores. Todavia, o primeiro inquisidor geral foi São Domingos, o inventor da devoção do terço. Dominicanos e franciscanos haviam se tornado braços inquisitoriais, mas devem ter colaborado para uma certa humanização jurídica, em que pese um Torquemada, que obrigou a intervenção de papas para moderá-lo.

Na Itália e na França, onde foi introduzida pelo Papa Alexandre III, no tempo de São Luis, que com ela concordou, a Inquisição não progrediu, certamente, pelo jogo de poder nessas nações. A primeira, fragmentada, e a segunda, empenhada nas cruzadas (a 7ª e a 8ª).

Foi na Espanha, de maneira precípua, e em Portugal, que ela mais prosperou, como órgão político e religioso, pela existência de judeus e mouros. Na península ibérica surgiu ela na Catalunha, em 1232, tendo recebido na unificação espanhola, com Fernando e Isabel, nova estruturação, com ampliação de sua autoridade, que ganhou em rigor, passando a chamar-se Santo Ofício.

Ao lado do Grande Inquisidor havia o Supremo (um Conselho) e quarenta e cinco inquisidores gerais e embora pontífices como Sixto IV,

um franciscano, se insurgissem contra sua severidade, ela foi implacável, nos Autos de Fé, que eram atos de execução.

Felipe II tentou implantá-la nos Países Baixos, gerando as lutas de independência nessa província. Se as penas espirituais não fossem suficientes, os réus eram entregues ao braço secular.

Na América Espanhola houve tribunais inquisitórios em Lima (transformado em museu que se pode visitar com proveito), no México e em Cartagena, evidentemente, desativados com a libertação dos países do jugo colonial. Na metrópole ela foi definitivamente extinta, em 1833.

Em Portugal, a Inquisição foi recebida, em 1536, por D. João III, tendo havido tribunais em Lisboa (onde, em 1540, foi realizado o primeiro auto de fé), Évora, Coimbra, Lamego e Tomar, e, nos territórios ultramarinos, em Goa, sem prejuízo de visitas de inspeção, em outras colônias.

Das centenas de pessoas queimadas ou condenadas a outras penas, 20 eram brasileiras, tendo sido Joaquim Henriques, em 1748, o último delas (o Pe. Cícero foi absorvido da imputação de herege, pela Sagrada Congregação do Santo Ofício e seria levado aos altares pela herética Igreja Apostólica Brasileira).

Em magnífico estudo (“**No Brasil, o Paraíso**”), Hernani Donato relembra Pedro Rates Hanequim, que asseverava terem a Santíssima Trindade, Nossa Senhora e os anjos corpo material e que Deus-Pai não participou da criação do mundo, assistindo, apenas, a ação do Filho e do Espírito Santo, ressuscitando a natureza das velhas heresias. Foi cruelmente executado, mesmo porque defendia a emancipação do Brasil e, talvez, mais por isso, como exemplificam os casos de Felipe dos Santos e Tiradentes.

Os clamorosos defeitos da Igreja (simonia - o termo vem de Simão, o Mago, que tentou comprar de São Pedro o dom de conferir o Espírito Santo - corrupção de costumes, ambição insensata do poder temporal, mundanismo, laicismo na vida eclesiástica e o austero exemplo das ordens mendicantes, entre outro) tornaram inevitável a Reforma, ainda porque o humanismo se levantara contra Roma, verificando-se que, constantemente, a insubordinação religiosa é legítima em suas causas em que pese poder ser, muitas vezes, injusta em suas conseqüências.

“L’irruption des seigneurs et des princes dans les rangs du haut clergé fut la cause primordiale de la corruption des clercs”, anotam David e Lorette (ob. cit. p. 130).

Uma escandalosa festa, em Heildeberg, na época de Lutero, deixou péssima impressão, pois prelados dansavam impudicamente, com uma “alegria indecente”.

A questão das indulgências que pôs em debate frontal dois teólogos eminentes, Lutero, frade agostiniano, e Tetzl, dominicano, redespertando velhas rivalidades entre ordens, a Dieta de Augsburg, que deu liberdade de culto aos luteranos e a propriedade dos bens secularizados e o Edito de Nantes (1598), foram marcos decisivos da revolução protestante (de protesto contra as mazelas existentes), que seduziu as massas, por motivos econômicos e morais, demonstrando-se suas ligações com o capitalismo.

Suas origens estão em alguns heresiarcas como o italiano Arnaldo de Brescia, já referido, o inglês Wiclef, a “Estrela da Manhã da Reforma” (que negava confissão, a condenação das crianças mortas sem batismo e o primado do Papa) e o boêmio João Huss, que rejeitava, outrossim, a autoridade do Papa, atacava os vícios do clero, as excomunhões, as indulgências, o culto da Virgem e dos santos, a comunhão sob uma só espécie, entre outras coisas. Julgado pelo Concílio de Constança, foi levado à fogueira (1415).

Seus partidários, os hussitas, também conhecidos por *utraquistas* ou *calistinos*, por aceitarem a comunhão *sob utraque specie* (duas espécies) e, por conseguinte, a utilização do cálice, se levantaram numa guerra violenta e fanática, chefiados por Ziska (zarolho), de cuja pele se faria um tambor, cujo som amedrontava os inimigos, até o Concílio de Basileia reconhecer o direito de comunhão sob as duas espécies.

Os irmãos Boêmios ou Moravios, continuam a tradição hussita.

O radicalismo menosprezado pela Igreja possibilitou, de forma igual, seitas como as dos “Amigos de Deus” e dos “Flagelantes”, havendo, pois fanatismo de todos os lados.

Lutero acreditava que os méritos de Cristo nos resgata do pecado original; que há dois sacramentos (batismo e comunhão), que a Bíblia era a única fonte de fé e que a Igreja é invisível e sem hierarquia.

Calvino, o 2º líder reformista, foi mais radical, chegando a estabelecer um governo teocrático em Genebra, como Savonarola, em Florença executando pelo fogo Miguel Servet, sábio notável, descobridor da circulação do sangue, sociniano, que negava o mistério da Santíssima Trindade. Um herege, assim, exterminou o outro.

Calvino não aceitava qualquer culto exterior ou hierarquia, a missa, o dogma da presença real, a invocação dos santos, ensinando a predestinação absoluta.

Os calvinistas, adaptando-se às condições locais, tomaram o nome de huguenotes (de Hugues, político genebrino, ou mais provavelmente do alemão “eidgenossen”, confederados-associados), na França, presbiterianos, na Escócia (porque só admitem ministros no culto, considerados iguais), gomaristas (de Gomar, adversário de Arminius e que objetivou atenuar o fatalismo de Calvino), na Holanda, e fundindo-se com os luteranos, em 1817, ensejaram os evangélicos.

As variações do protestantismo advêm da liberdade de exame, que nem sempre implicou em liberdade de consciência. Os cerminianos, por exemplo, adeptos de Cerminius, pastor em Leyde, se levantaram contra a doutrina da predestinação, postulando por uma liberdade moral.

Spencer (1635-1705), fundador da ciência heráldica na Alemanha, desejou reformar o luteranismo com o pietismo que exibia uma piedade extremada e optou pelos exercícios privados, aproximando-se da religião dos quakers (porque se agitavam com a visita do Espírito Santo), instituída, em 1647, por George Fox e que rejeitava qualquer sacramento, seguindo moral severa.

O anglicanismo (ou episcopalismo) implantado na Inglaterra, por Henrique VIII, e consolidado em 1562 por Elizabeth I, aceita o calvinismo, mas conserva o episcopado e uma relativa hierarquia, apesar de o alto clero não ter maior importância. O rei é o chefe da religião e institui os bispos, zelando com eles pelos dogmas e pela disciplina.

O metodismo, por sua vez, conduzido por John Wesley, se propôs a **metodicamente** estimular o fervor na religião anglicana, fazendo orar de manhã e à noite, em pleno ar e observando pontualmente os preceitos evangélicos.

O protestantismo incentivou o capitalismo, como demonstrou Max Weber, de sorte que é inegável sua importância no mundo moderno, mas, igualmente, por suas críticas, muitas das quais compreensíveis, favoreceram o reaparelhamento da Igreja, pelo Concílio de Trento (1542), convocado pelo Papa Paulo III e que teve uma história longa e agitada pelas injunções políticas.

As deliberações do Concílio, apreciando teses protestantes, consagraram, entre outras decisões, os sete sacramentos, a transubstanciação, ou a presença real de Cristo na Eucaristia, o culto em latim, a doutrina do purgatório, das indulgências, das relíquias e dos Santos, reafirmando-se a supremacia papal e reorganizando-se a disciplina.

São Carlos Borromeu, sobrinho do Pio IV, que reabriu o concílio, em 1562, preparou um catecismo oficial.

“Le luxe disparut de la cour pontificale; on vit des papes comme Pio V (1566-1572) mener la vie rigoureuse des moines et suivre pieds nus des processions dans les rues de Rome”, deixam claro David e Lorette (op.cit.p.157).

Talvez, a maior criação da contra-reforma tenha sido o advento da Companhia de Jesus, fundada em 1534, por Santo Inácio de Loiola, valente brigada religiosa, racional e militarmente organizada, que se dedicou à propagação da fé, levando-a aos países mais remotos, à conversão de infiéis e de hereges e à educação da juventude, reconquistando territórios perdidos para o protestantismo. Sofreu perseguições políticas, chegando a ser extinta por Clemente XIV e restabelecida por Pio VII, devendo-se recordar que franciscanos e dominicanos foram banidos da França, em 1790. Até hoje são procurados, cobiçosamente, seus lendários tesouros.

No Brasil, a sua participação foi decisiva a ponto de, realmente, não se poder compreender nossa história sem os Jesuítas, arquitetos, aliás, de uma interessante experiência religiosa, política e econômica nas Missões.

O pensamento heterodoxo, de compacta infra-estrutura, por conseguinte, como **desafio** teve grande sentido histórico pelas respostas que provocou, num fascinante jogo dialético no qual, muitas vezes, se

transformou em ideologia ortodoxa, abrindo o amplo leque das controvérsias teológicas que, sem dúvida, envolveram o debate político, social e econômico.

Conceito de Heresia

Religião e Psicanálise

O Gnosticismo

As primeiras heresias e a Apologética

Os Coptas

A liberdade de escolha

Os Novacianos

Cátaros e Albigenses

As Ordens Mendicantes

Os Valdenses

Heterodoxia e Sectarismo

Os “Amish”

Os Anabatistas

Outras causas das heresias

As Cruzadas

Arius

Os Socianianos

Monofisismo e Monotelismo

Os Arminianos

O sentimento do sagrado

Nestorius

Orígenes

Pelágio e Donato

O Cisma do Oriente

O Cisma do Ocidente

Arnaldo de Brescia

Joaquim de Fiori

A inquisição. Aspectos processuais-penais

A reforma. Lutero e Calvino

Os Cerminianos

Anglicanismo e Pietismo

A Contra-Reforma

Desafio e Resposta

Conclusão